

## Mata atlântica é um ecossistema à beira da extinção

*Em 50 anos, floresta deverá estar dizimada se for mantido ritmo atual de destruição*

No próximo século, as figuras do caçador desalmado e do contrabandista inescrupuloso de animais, vilões individualizados da causa ambiental, deverão estar devidamente esquecidas. Os novos vilões, que os ambientalistas deverão temer no século 21, somos todos nós. A expansão desenfreada das cidades e o crescimento acelerado da população mundial têm sido, desde a última metade deste século, os responsáveis pelo inchaço das relações de espécies da flora, da fauna e ecossistemas em extinção.

"Nos últimos 40 anos, perdemos uma parte significativa de nossa paisagem natural, conta que deve ser creditada ao desenvolvimento sem sustentabilidade", afirma o dire-

tor-executivo da organização não-governamental (ONG) WWF (World Wide Found) do Brasil, Garo Batmanian. Ele relaciona as perdas: 50% do cerrado, desde meados dos anos 50; 15% da Amazônia, a partir dos anos 60; e a maior parte da devastação da mata atlântica. Por trás do machado e da serra elétrica, lembra Batmanian, estiveram nesse tempo todo a agricultura, a pecuária e a exploração da madeira, entre outros.

Espalhada pelo litoral do Brasil, justamente onde há maior concentração da população, a mata atlântica é o exemplo mais drástico dessa tendência. "Se for mantido o atual ritmo de destruição, em 50 anos a mata atlântica estará condenada somente às áreas de con-

servação", prevê João Paulo Capobianco, diretor da organização mundial Instituto SocioAmbiental.

De acordo com a ONG, restam atualmente cerca de 7,6% da área original da mata atlântica. E a maior parte dessa área é mata regenerada, que perdeu a biodiversidade original. Levantamentos realizados entre 1990 e 1995 deram medida ao ritmo da destruição: cerca de 500 mil hectares, ou 5% do ecossistema, a cada cin-

co anos.

"É um campo de futebol a cada quatro minutos", compara o diretor da Fundação SOS Mata Atlântica, Mário Mantovani. Segundo Capobianco, nem mesmo uma legislação específica foi capaz de frear a destruição.

Na Amazônia, segundo Batmanian, existe uma área degradada igual à do Estado do Ceará, em que a mata deu lugar às pastagens. "O solo era ruim e o pasto durou muito pouco", afirma ele. "Conhecemos somente 30% da biodiversidade, com 55 mil espécies catalogadas, da Amazônia, e corremos o risco de perder muitas espécies sem conhecê-las", raciocina Batmanian. "Não adianta investirmos no combate à biopirataria se não estudarmos a biodiversidade da região."

A redução do verde está provocando o que os ecologistas chamam de perda de hábitat, o que vem colocando em risco espécies animais. "Uma onça necessita de 20 a 40 quilômetros quadrados para caçar", diz Batmanian. "Como a civilização está chegando cada vez mais perto, a onça está ficando cada vez mais sem caça e acaba matando gado, o que é uma sentença de morte para ela." (E.M.)

**RESTAM**  
**APENAS 7,6%**  
**DA ÁREA**  
**ORIGINAL**